

LÍNGUA E IDENTIDADE: TENSÕES

Cássio AGUIAR¹

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo, numa primeira etapa, delinear o contexto em que se inscreve o jogo das identidades no mundo atual, buscando iluminá-lo, num segundo momento, na intersecção entre aquele contexto e a situação das línguas no mundo. A primeira etapa tomará como base a obra *Identidade*, de Zygmunt Bauman; a segunda recorrerá a reflexões de Louis-Jean Calvet, sobretudo as de *Les confettis de Babel*, além de aos trabalhos de Édouard Glissant, especialmente *L'imaginaire des langues*.

PALAVRAS-CHAVE: Língua, identidade, globalização, cultura.

¹ Mestrando pelo Programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês da FFLCH-USP. Contato: cassio.aguiar@usp.br.

LANGUE ET IDENTITÉ: DES TENSIONS

RÉSUMÉ: L'objectif de ce travail, dans une première étape, c'est esquisser le contexte dans lequel s'inscrit le jeu d'identité dans le monde actuel, en cherchant à l'éclairer ; dans un second moment, l'intersection entre ce contexte et la situation des langues dans le monde. La première étape s'appuiera sur l'oeuvre *Identité*, de Zygmunt Bauman ; la deuxième sera fondée sur les réflexions de Louis-Jean Calvet, notamment celles de *Les Confettis de Babel*, et aussi les travaux de Édouard Glissant, surtout, *L'Imaginaire des langues*.

MOTS-CLÉS: Langues, identité, globalisation, culture.

INTRODUÇÃO

O conceito de identidade, não obstante as diversas abordagens e controvérsias que suscita - ou, pelo contrário, justamente como parecem atestar estas diferentes concepções e controvérsias - é provavelmente um dos temas mais pulsantes dos dias atuais.

Presente nos discursos por reivindicações de direitos, implicada nos debates acerca dos rumos do mundo global e em inúmeras instâncias do cotidiano (das relações de trabalho às vivências afetivas, das trocas econômicas às práticas religiosas), a questão tem convocado os esforços reflexivos de autores de diversas áreas, como a Sociologia, a Psicanálise, a Didática e as Ciências da Linguagem.

Para Zygmunt Bauman, sociólogo em cujas propostas este trabalho preferencialmente se concentra, a feição atual do tema é inseparável de outro campo teórico igualmente candente, que dá conta do cenário de profundas transformações próprio do tempo atual: a globalização.

Conforme sintetiza Benedetto Vecchi, editor das entrevistas que deram origem ao livro *Identidade* (BAUMAN, 2005), que norteará o presente trabalho:

Falamos da identidade em razão do colapso daquelas instituições que, usando uma das famosas expressões de Georg Simmel², por muitos anos constituíram as premissas sobre as quais se construiu a sociedade moderna. (VECCHI, Benedetto. *Introdução*. In: BAUMAN, 2005: 12).

² George Simmel (1858-1918), autor alemão cuja influência sobre o pensamento de Bauman é notável, contribuiu para a consolidação da disciplina sociológica na Alemanha de inícios do século XX. (Cf. JAVEAU, Claude. *Georg Simmel: un aperçu*. *Les Cahiers du GRIF*, 1989, vol 40, n° 1, 41-47. Disponível em: < http://www.persee.fr/doc/grif_0770-6081_1989_num_40_1_1784>. Acesso em: 21 dez. 2015.

Este colapso, afinal, não seria mais que o próprio processo definido pelo termo *globalização*, tendo em vista que este fenômeno, ainda segundo o próprio Vecchi, em sua leitura das reflexões de Bauman, deve ser compreendido como:

[...] uma forma de mudança radical e irreversível. [...] uma grande transformação que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida quotidiana e as relações entre o eu e o outro. (BAUMAN, 2005: 11).

Assim, à luz das reflexões propostas por Zygmunt Bauman, a primeira etapa deste trabalho tem como objetivo expor algumas das nuances que envolvem o tema da identidade, procurando abordá-lo, conforme se verá, desde as circunstâncias de seu “surgimento” até os seus inquietantes contornos atuais.

1. O JOGO DAS IDENTIDADES

Bauman inicia suas análises focalizando o momento que vai da emergência do conceito de identidade até seus contornos presentes e enfatiza, sobretudo, seu caráter de construção histórica.

É bastante sugestivo, aliás, associar à própria tarefa intelectual levada a efeito nesta obra as seguintes considerações, feitas pelo próprio sociólogo, a respeito de Georg Simmel:

Sobre Georg Simmel [...], Kracauer comentou corretamente que um dos objetivos fundamentais que orientaram o trabalho de sua vida foi “livrar todo o fenômeno *gesitig* [espiritual, intelectual] do seu falso ser-em-si e mostrar como ele está embutido no contexto mais amplo da vida”. (BAUMAN, 2005: 21).

Assim, na sequência de um processo inicial de questionamento da identidade inclusive enquanto categoria passível de ser concebida, Bauman distinguirá ao menos duas etapas na constituição daquele conceito, cada uma das quais atrelada às forças e às exigências de diferentes componentes políticos, econômicos e sociais.

Inspirados na terminologia adotada pelo autor já a partir de trabalhos anteriores como *Postmodern Ethics* (1993), *Globalização: as consequências humanas* (1998) e *Modernidade líquida* (2000), chamaremos as duas etapas, respectivamente, de *identidade moderna* e *identidade líquido-moderna*.

1.1. IDENTIDADE MODERNA

Tomando por referência a Polônia dos anos imediatamente anteriores à Primeira Guerra Mundial e a França do mesmo período aproximado, o autor corrobora a afirmação do sociólogo francês Philippe Robert segundo a qual as relações sociais, ao longo da maior parte da história das sociedades humanas, teriam estado “firmemente concentradas nos domínios da proximidade”³, estado de coisas no qual, entretanto, Bauman identifica um ponto de transição:

[...] Lembre-se de que, no século XVIII, a viagem de, digamos, Paris a Marselha durava tanto tempo quanto na época do Império Romano. Para a maioria das pessoas, a “sociedade”, entendida como a maior totalidade de coabitação humana (se é que pensavam nesses termos) era igual à vizinhança adjacente. [...] No interior dessa rede de familiaridade do berço ao túmulo, o lugar de cada pessoa era evidente demais para ser avaliado, que dirá negociado. [...] Foram necessárias a lenta desintegração e a redução do poder aglutinador das vizinhanças, complementadas pela revolução dos transportes, para limpar a área, possibilitando o nascimento da identidade — como *problema* e, acima de tudo, como *arefa*. As margens incharam rapidamente, invadindo as áreas centrais de coabitação humana. De súbito, era preciso colocar a questão da identidade, já que nenhuma resposta óbvia se oferecia. (BAUMAN, 2005: 24-25, grifos do autor).

Neste ponto, ainda que não empregue estes termos, Bauman faz referência, em primeiro lugar, a uma espécie de organização da identidade que se poderia chamar de *identidade pré-moderna* ou *pré-identidade*, ou seja, peculiar a um período em que, segundo ele, as relações sociais atreladas à contiguidade encontravam nas restritas condições de transporte um fator coadjuvante no que diz respeito a instaurar um senso de “pertencimento”⁴.

Em segundo lugar, o sociólogo polonês localiza a emergência da identidade moderna justamente no colapso daquele estado de coisas, para, em seguida, apresentar o

³ ROBERT, Philippe. *Une généalogie de l'insécurité contemporaine*. Esprit, 2002, p. 35-58, apud BAUMAN, 2005: 24.

⁴ O autor afirmará, aliás, na sequência da reflexão, que “a ideia de ‘identidade’ nasceu da *crise do pertencimento*” (BAUMAN, 2005: 26, grifos do autor.). Tal declaração evidencia, implícita em suas reflexões, a íntima correlação entre *identidade* e *pertencimento*: enquanto teriam prevalecido as vivências geradoras de senso de pertencimento, a identidade sequer se poderia enunciar enquanto questão; a partir do instante em que tais vivências se desintegram e o pertencimento se abala, pelas razões apresentadas, a identidade ganhará espaço como *problema*, conforme se verá adiante.

surgimento do Estado moderno como fator decisivo a alçar a identidade à categoria de *problema* e de *tarefa*, os quais esta nova instituição política reclamará para si.

A este novo contexto, portanto, de enfraquecimento do caráter coesivo das vivências comunitárias e das mudanças trazidas por novas possibilidades de fluxo, na era moderna, emergirá o problema da *identidade nacional* — manifestação do conceito de identidade à qual, ainda que não repute exatamente a gênese do conceito de identidade, Bauman claramente atribui, no entanto, o surgimento da crucialidade deste conceito.

De acordo com o autor, será decisivo, então, para o destino do conceito de identidade, o processo de surgimento e de maturação do Estado moderno, notavelmente por conta de seu alastramento para o cerne das instâncias do território e da nação. De acordo com o sociólogo:

O nascente Estado moderno [...] enfrentou a necessidade de criar uma ordem não mais reproduzida automaticamente pelas “sociedades de familiaridade mútua”, bem estabelecidas e firmemente consolidadas, incorporou essa questão [da identidade] e a apresentou em seu trabalho de estabelecer os alicerces de suas novas e desconhecidas pretensões à legitimidade. [...] A ficção da “natividade do nascimento” desempenhou o papel principal entre as fórmulas empregadas pelo Estado moderno para legitimar a exigência de subordinação incondicional de seus indivíduos. [...] Estado e nação precisavam um do outro. (BAUMAN, 2005: 25 et seq.).

O Estado moderno, identificado à nação, passa a envidar esforços constantes de convencimento e de coerção, obtendo, por fim, o efeito de representar a instância legitimadora máxima do conceito de identidade:

[...] O Estado buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade. [...] Não fosse o poder do Estado de definir, classificar, segregar, separar e selecionar o agregado de tradições, dialetos, leis consuetudinárias e modos de vida locais, dificilmente seria remodelado em algo como os requisitos de unidade e coesão da comunidade nacional. Se o Estado era a concretização do futuro da nação, era também uma condição necessária para haver uma nação proclamando - em voz alta, confiante e de modo eficaz - um destino compartilhado. (BAUMAN, 2005, 27).

Importa, finalmente, mais do que reafirmar o caráter de construção histórica da identidade, notar, entretanto, que esta construção logrou se instalar como uma categoria poderosa e operante, e que tal fato se deu durante a modernidade⁵.

1. 2. IDENTIDADE LÍQUIDO-MODERNA

Se, conforme mostrado até este ponto, a questão da identidade se articula às premências históricas modernas do problema da identidade nacional, na atual era “líquido-moderna” assistiríamos, segundo Zygmunt Bauman, à erosão daquelas instituições que, conforme já se disse, constituíram as premissas da sociedade anterior.

Dito de outro modo: se o Estado-nação moderno logrou se erigir como a instância máxima a condensar a noção de identidade, o cenário é expressivamente outro no contexto da globalização.

Como decorrência, logo, do colapso das forças vigentes até ali, um inevitável remodelamento do conceito de identidade estaria em marcha, o que explicaria não apenas sua atual instabilidade, mas, do mesmo modo, o interesse e a perplexidade que o tema desperta nos dias atuais.

Este fato é flagrante, sobretudo, se se tem em conta que:

Globalização significa que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação [...], [ou significa, ainda, que] [...] tendo transferido a maior parte de suas tarefas intensivas em mão-de-obra e capital aos mercados globais, os Estados têm muito menos necessidade de suprimentos de fervor patriótico. Até mesmo o patriotismo, o ativo mais zelosamente preservado pelos Estados-nações modernos, foi transferido às forças do mercado e por elas remodelados para aumentar os lucros dos promotores do esporte, do *show business*, de festividades comemorativas e da indústria da *memorabilia*. (BAUMAN, 2005: 34, grifos do autor)

Assim, de acordo com a visão de Zygmunt Bauman, as discussões atuais acerca do tema da identidade são intrínsecas ao tema da globalização e às exigências e inquietações que provoca, sinteticamente apresentadas pelo autor neste trecho:

A identidade - sejamos claros sobre isso - é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir essa palavra, po-

⁵ Entenda-se *modernidade* ou *era moderna* no sentido sociológico, ou seja, principalmente como o período a partir da Revolução Industrial, do século XVIII, com as transformações que provocou nas estruturas sociais, políticas e econômicas ocidentais. (Cf. BAUMAN, 1999: 299-300).

de-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega. [...] A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado... (BAUMAN, 2005: 83-84).

A exemplo do que se observou até este ponto, com Bauman, a respeito do contexto de emergência da identidade moderna, contexto de rupturas, tensões e reformulações estruturais no seio da sociedade ocidental, do mesmo modo, atualmente, a identidade “líquido-moderna” estaria inscrita no quadro das inquietações que configura a globalização.

Assim, a problemática desta nova situação da identidade perpassará, a partir deste ponto, todas as reflexões da obra de Zygmunt Bauman e teremos, ainda, a oportunidade de retomá-la, atrelada de agora em diante, no presente trabalho, à questão da situação das línguas no mundo.

2. A SITUAÇÃO DAS LÍNGUAS

2.1. AS LÍNGUAS NO CONTEXTO GLOBAL

Todo o estado de coisas que, com Bauman, procuramos traçar até este ponto possui, igualmente, suas manifestações para o âmbito das línguas, tendo possivelmente como o indício mais imediatamente notável a hegemonia internacional da língua inglesa (ou o anglo-americano)⁶, a qual já aponta para as forças em jogo no mundo atual.

A obra *Les confettis de Babel*, de Louis-Jean Calvet e Alain Calvet (2013), analisa detidamente os diversos componentes que envolvem a situação das línguas, esboçando, inicialmente, uma espécie de “cartografia das línguas”.

Os autores enfatizam as complexidades que perpassam o tema, a começar pelas divergências existentes entre os critérios para que se possa aferir, inclusive, o próprio número das línguas existentes.

Mencionando o exemplo da França, onde tradicionalmente se opuseram *langue d’oc* e *langue d’oil* (as quais também estariam sujeitas a outras clivagens regionais), mas sobretudo através do caso da ex-Iugoslávia, com as reordenações políticas que sofreu ao longo de todo o século XX, Calvet & Calvet constatarem as influências confli-

⁶ Cf. CALVET, Louis-Jean. *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*. Disponível em: <<http://gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

tantes entre, de um lado, critérios mais estritamente científicos e, de outro, parâmetros culturais, políticos e identitários implicados nas discussões a respeito das línguas.

Deste modo, se, do ponto de vista científico, fatores como as estruturas linguísticas ou o grau de intercompreensão entre os falantes autorizariam a interpretação segundo a qual, no exemplo da Índia e do Paquistão, trata-se de uma única língua (conforme, aliás, fora a concepção vigente no início do século XX, antes da independência e da divisão da antiga Índia), os autores expõem a presença de fatores de outra ordem:

Por conta da História, das oposições religiosas, dos ódios e dos sentimentos identitários, aquilo que era considerado, a certa época, como uma língua, o hindustâni, foi considerado posteriormente como duas línguas: hindi e urdu. (CALVET/CALVET, 2013: 20, tradução nossa). (CALVET/CALVET, 2013: 20, tradução nossa).⁷

Explicita-se, assim, através desta mudança de postura (histórica, religiosa e culturalmente motivada) em relação ao que se concebera, até então, como uma língua única, a considerável influência exercida por elementos outros que os mais estritamente linguísticos.⁸

Em seguida, para além da questão do recenseamento das línguas do mundo ou, ainda, no mesmo movimento de análise iniciado a partir dos problemas que esta tentativa de cartografia revela, Calvet & Calvet abordam os diversos aspectos a partir dos quais se apresenta a situação das línguas, tais como o número de falantes de cada uma, as diferentes funções exercidas pelas várias línguas, os sistemas de escrita.

Sublinhando o extenso multilinguismo que caracteriza o planeta (o qual, ainda que nos atenhamos a um único exemplo, ilustra-se suficientemente no caso do Brasil, onde há entre 150 e 200 línguas descritas), os autores mostram, entretanto, as nítidas desigualdades e hierarquizações sob as quais estão distribuídas as línguas.

Neste quesito, é especialmente relevante mencionar o dispositivo de análise desenvolvido por Louis-Jean Calvet, batizado por este sociolinguista como “modelo gravitacional” e sinteticamente apresentado no artigo *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*⁹.

Buscando interpretar a maneira como se organizam mundialmente as relações entre as línguas e partindo do fato de que elas “estão ligadas entre si por bilíngues

⁷ “Du fait de l’Histoire, des oppositions religieuses, des haines et des sentiments identitaires, ce qui était considéré à une certaine époque comme une langue, l’hindoustani, fut considéré ultérieurement comme deux langues : hindi et ourdu”.

⁸ Encontramos, assim, desde já, a questão da identidade na confluência de língua e contexto político sociocultural.

⁹ Cf. CALVET, Louis-Jean. *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*. Disponível em: <<http://gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

e que o sistema dos bilinguismos [e] sua categorização nos permitem apresentar suas relações em termos gravitacionais”¹⁰, este modelo, grosso modo, propõe que:

Em torno de uma língua hipercentral (o inglês) gravita, assim, uma dezena de línguas supercentrais (o francês, o espanhol, o árabe, o chinês, o hindi, o malaio, etc.) em torno das quais gravitam entre cem e duzentas línguas centrais que são, por sua vez, o pivô da gravitação de entre quatro e cinco mil línguas periféricas. A cada um dos níveis de tal sistema podem se manifestar duas tendências: uma na direção de um bilinguismo “horizontal” (aquisição de uma língua de mesmo nível [...]) e outra na direção de um bilinguismo “vertical” (aquisição de uma língua de nível superior), sendo as duas tendências [...] o cimento do modelo. (CALVET, Louis-Jean. *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*, tradução nossa. Disponível em: <<http://gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2014.)¹¹

Assim, apontando situações como, por exemplo, o caso de um bilíngue árabe/kabyle da Argélia que, segundo o autor, tem 99% de probabilidade de ter o kabyle como primeira língua, ou, ainda, um bilíngue bambara/francês do Mali que sempre terá como língua primeira o bambara (exemplos os quais, de acordo com o autor, podem ser exaustivamente reencontrados mundo afora), Calvet explicita o fato de que estas realidades testemunham, finalmente, a existência de *relações de força*, expressas, nos casos mencionados, pela colonização do Maghreb pelos árabes e pela colonização do Sudão pela França.

Na sequência das reflexões levadas a efeito em seu trabalho, e ainda no quadro das mencionadas desigualdades, hierarquizações e relações de força que se observam quando se aborda a questão das línguas, Calvet & Calvet articulam, finalmente, a problemática à globalização/mundialização:

[...] Podemos [...] destacar que a globalização, em seu aspecto linguístico, implica diferentes tipos de comunicação, do círculo familiar ao espaço mundial, cada indivíduo encontrando-se no centro de diferentes redes que poderíamos

¹⁰ CALVET, op. cit: 1-2, tradução nossa.

¹¹ Autour d'une langue hypercentrale (l'anglais) gravitent ainsi une dizaine de langues supercentrales (le français, l'espagnol, l'arabe, le chinois, le hindi, le malais, etc.) autour desquelles gravitent cent à deux cents langues centrales qui sont à leur tour le pivot de la gravitation de quatre à cinq mille langues périphériques. A chacun des niveaux de ce système peuvent se manifester deux tendances, l'une vers un bilinguisme "horizontal" (acquisition d'une langue de même niveau que la sienne) et l'autre vers un bilinguisme "vertical" (acquisition d'une langue de niveau supérieur), ces deux tendances étant [...] le ciment du modèle.

representar por uma série de círculos concêntricos que correspondem, do ponto de vista diacrônico, à aquisição de diferentes registros, variedades ou línguas e, do ponto de vista sincrônico, ao uso de tais variáveis em função do contexto. (CALVET/CALVET, 2013: 26, tradução nossa)¹².

Cada cidadão do mundo contemporâneo, assim, encontra-se envolto num contexto gerador de necessidades de adaptação linguística, em diversos níveis (CALVET/CALVET, 2013: 24 et seq.), as quais se traduziriam do seguinte modo: uma língua internacional, para as relações com o exterior, maciçamente representada pelo inglês; a língua padronizada e regulada do Estado, intermediadora da vida pública dos indivíduos em seu país; e a língua “gregária”, a qual, a depender das especificidades das situações, caracteriza-se por variedades regionais da língua do Estado ou mesmo por uma língua diferente desta, podendo ser não-oficial, não-reconhecida, escrita ou não.

Assim, sem extrapolar os limites deste trabalho por meio de uma análise mais ampla das duas obras aqui mencionadas, é suficiente destacar em linhas gerais, nesta segunda etapa, as conexões e as reverberações que trazem para o plano das línguas os complexos componentes (sociais, políticos, econômicos, culturais) próprios do mundo “líquido-moderno” atual, sua indissociabilidade em relação às línguas, mas também, como procuraremos explicitar deste ponto em diante, à problemática da identidade.

2.2. A LÍNGUA SOMOS NÓS

A relação entre língua e identidade é especialmente estreita. Conforme se pode sugestivamente entrever no já referido artigo *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*¹³, quando Louis-Jean Calvet, ao problematizar os truísmos daquilo que nomeia como o “Discurso Político-Linguisticamente Correto”, propõe:

No que diz respeito, por exemplo, aos países africanos, propostas do tipo “todas as línguas devem ser escritas” ou “os falantes têm direito a um ensino em suas línguas primeiras” deveriam ser analisadas do ponto de vista do papel das línguas no desenvolvimento: a transcrição de todas as línguas

¹² [...] Nous pouvons [...] souligner que la mondialisation, dans son aspect linguistique, implique différents types de communication, du cercle familial à l'espace mondial, chaque individu se trouvant au centre de différents réseaux que nous pourrions représenter par une série de cercles concentriques correspondant, du point de vue diachronique, à l'acquisition de différents registres, variétés ou langues, et, du point de vue synchronique, à l'usage de ces variétés en fonction du contexte.

¹³ CALVET, Louis-Jean. *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*. Disponível em: <<http://gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

africanas, sua introdução no sistema escolar, seu reconhecimento oficial, etc., podem melhorar a situação de seus falantes, [podem] participar do esforço para um desenvolvimento endógeno, exercer um papel na luta contra a desnutrição, a mortalidade infantil, a AIDS, etc. (CALVET, Louis-Jean. *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*: 3, tradução nossa. Disponível em: <<http://gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2014.)¹⁴.

À parte a possível controvérsia levantada pelo autor quanto às opiniões comuns relativas a uma política das línguas ou a sua defesa (CALVET/CALVET, 2013: 2 et seq), aquilo que o trecho em questão faz despontar, em última análise, são as premissas daquilo que se situaria “para além” das línguas, se se pode dizer, ou daquilo a que as línguas mais profundamente diriam respeito - aos seres humanos, enquanto indivíduos, comunidades, sociedades, povos e, em decorrência, às relações políticas e econômicas humanas que estabelecem.

Como decorrência, é possível vislumbrar a presença das questões da identidade também sob este ângulo possivelmente mais “macroscópico”, digamos, ou seja, no entrecruzamento entre as tensões da era “líquido-moderna” (nas quais a identidade, como anteriormente mostrado com base em Zygmunt Bauman, está subsumida) e o tema das línguas.

Neste sentido, os trabalhos do escritor, poeta e ensaísta martiniquense Édouard Glissant, autor no qual as reflexões sobre as línguas adquirem uma dimensão poética crucial, ilustram, multiplicam e potencializam as possibilidades de associação entre língua-identidade-mundo.

Como é lícito dizer a propósito de Bauman e Calvet & Calvet, este autor tem como horizonte de seu pensamento aquilo que descreve como “o duro turbilhão do mundo atual” (GLISSANT, 2006: 169), interessando-se por seus desafios. Para Glissant:

[...] À parte os reais conflitos de interesses econômicos, as novas formas de contato e de relação se tecem entre as culturas e as comunidades de maneira fulminante e imprevisível.

¹⁴ Pour ce qui concerne par exemple les pays africains, des propositions du type "toutes les langues doivent être écrites" ou "les locuteurs ont droit à un enseignement dans leurs langues premières" devraient être analysées du point de vue du rôle des langues dans le développement: est-ce que la transcription de toutes les langues africaines, leur introduction dans le système scolaire, leur reconnaissance officielle, etc., peut améliorer la situation de leurs locuteurs, participer à l'effort pour un développement endogène, jouer un rôle dans la lutte contre la malnutrition, la mortalité infantile, le SIDA, etc.

vel, no plano das línguas, dos modos de habitar, das relações com o mundo. (GLISSANT, 2006: 170, tradução nossa)¹⁵.

Por meio de um pensamento abrangente no qual figuram, de maneira mais ou menos explícita, constantes preocupações éticas, o autor desenvolve conceitos como “crioulização”, “caos-mundo”, “Tout-Monde” e “Relação”¹⁶, através dos quais trabalha, entre outros, temas como as complexas engrenagens do mundo atual, com suas demandas e questionamentos, bem a situação das populações egressas dos colonialismos (como Martinica ou Guadalupe, por exemplo), as feições e o papel de suas respectivas literaturas e seu lugar no plano global.

Sobretudo a obra *L’Imaginaire des langues*, mas do mesmo modo como em diversos outros momentos de seu trabalho, o autor utiliza-se do prisma da línguas e da escrita para focalizar, mais uma vez, a área de convergência entre língua e identidade, problematizando o assunto:

[...] A cada vez que ligamos expressamente o problema da língua ao problema da identidade, em minha opinião, cometemos um erro pois, precisamente, o que caracteriza nosso tempo é aquilo que chamo de *imaginário das línguas, ou seja, a presença em todas as línguas do mundo*. [...] Hoje, mesmo quando um escritor não conhece nenhuma outra língua, ele tem em conta, quer saiba quer não, a existências dessas línguas em torno de si em seu processo de escrita. *Não se pode mais escrever uma língua de maneira monolíngue. Somos obrigados a ter em conta o imaginário das línguas. Esses imaginários nos tocam por todos os tipos de meios inéditos, novos: o audiovisual, o rádio, a televisão*. Quando se vê uma paisagem africana, mesmo que não conheçamos a língua bantu, por exemplo, existe uma parte desta língua que, através da paisagem que se vê, nos toca e nos interpela, mesmo que não conheçamos uma palavra de bantu. (GLISSANT, 2010: 14, grifos nossos, tradução nossa)¹⁷.

¹⁵ [...] En marge des réels conflits d’intérêts économiques, de nouvelles formes de contact et de relation se tissent entre les cultures et les communautés, de manière foudroyante et imprévisible, au plan des langues, des modes d’habiter, des rapports au monde.

¹⁶ Um contato aprofundado com a extensão das reflexões de Glissant, em que tais conceitos são de fundamental importância, é sugerido com a leitura de *Poétique de la Relation* e *Traité du Tout-Monde*.

¹⁷ [...] Chaque fois qu’on lie expressément le problème de la langue au problème de l’identité, à mon avis, on commet une erreur parce que, précisément, ce qui caractérise notre temps, c’est ce que j’appelle *l’imaginaire des langues, c’est à dire la présence à toutes les langues du monde*. [...] Aujourd’hui, même quand un écrivain ne connaît aucune autre langue, il tient compte, qu’il le sache ou non, de l’existence de ces langues autour de lui dans son processus d’écriture. *On ne peut plus écrire une langue de manière monolingue. On est obligé de tenir*

Ora, embora problematize a ligação entre língua e identidade, Glissant, por meio da noção de “imaginário das línguas”, remete inegavelmente ao contexto em que ambas se tocam, qual seja, aquele das agudas reformulações e tensões do mundo atual.

Conforme se identifica mais explicitamente no trecho abaixo, em que, aliás, suas anteriormente mencionadas preocupações éticas se evidenciam, o autor dá ênfase àquelas tensões, apontando, inclusive, como visto em Bauman, a alteração da relação Estado-nação e seu consequente reflexo para o tema das identidades:

[...] As identidades são uma das conquistas do tempo moderno, conquista dolorosa porque não está acabada e porque, sobre toda a superfície do planeta, existem nós, lares de desolação que contradizem tal movimento. Mas há também um movimento que caracterizo assim: as identidades de raiz única dão lugar, pouco a pouco, às identidades-relações, ou seja, às identidades-rizomas. [...] Em tal contexto, é claro que a noção de nação adquire um conteúdo muito mais cultural que de Estado, militar, econômico ou político, muito menos patriótico no sentido tradicional do termo. [...] Isto quer dizer que se pode existir como identidade sem existir como força. A ideia do poder e da potência ligada à identidade começa a erodir-se, a desaparecer. (GLISSANT, 2010: 39-40, tradução nossa)¹⁸.

Poderíamos, finalmente, considerar as contribuições de Édouard Glissant brevemente expostas nos limites do presente trabalho como uma espécie de condensação, traduzida e expandida para a dimensão do poético, do espaço de intersecção entre as problemáticas de língua e identidade.

compte des imaginaires des langues. Ces imaginaires nous frappent par toutes sortes de moyens inédits, nouveaux : l'audiovisuel, la radio, la télévision. Quand on voit un paysage africain, même si on ne connaît pas la langue batoue par exemple, il y a une part de cette langue qui, à travers le paysage que l'on voit, nous frappe et nous interpelle, même si on ne connaît pas un mot de bantoue.

¹⁸ [...] Les identités sont une des conquêtes du temps moderne, conquête douloureuse parce que ce n'est pas fini et que sur toute la surface de la planète il y a des nœuds, des foyers de désolation qui contredisent ce mouvement. Mais il y a aussi un mouvement que je caractérise comme ceci : les identités à racine unique font peu à peu place aux identités-relations, c'est-à-dire aux identités-rizomes. [...] Dans ce contexte, il est sûr que la notion de nation prend un contenu beaucoup plus culturel qu'étatique, militaire, économique ou politique, beaucoup moins patriotique au sens traditionnel du terme. [...] Ça veut dire qu'on peut exister comme identité sans exister comme force. L'idée du pouvoir et de la puissance liée à l'identité commence à s'éroder, à disparaître.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, poderíamos registrar nossa interpretação segundo a qual tanto língua, de um lado, como identidade, de outro, são duas das diversas possibilidades de manifestação conceitual/prática das grandes forças que, em linhas gerais, compõem a fisionomia do mundo atual - global, de intensas e aceleradas transformações no que diz respeito à informação, às tecnologias, às relações comerciais e de trabalho, ao papel e ao alcance dos Estados, aos jogos geopolíticos de poder, entre outros.

Dentre estas diversas manifestações às quais subjazem, de um ou de outro modo, os complexos componentes da realidade contemporânea (e as quais, obviamente, podem ser mais ou menos interdependentes, relacionando-se de maneira mais ou menos imediata¹⁹), poderíamos associar desde fenômenos como os fundamentalismos religiosos e os movimentos por reivindicações de direitos de minorias, até, por exemplo, as recentes políticas de promoção do multilinguismo recentemente adotadas pela União Europeia²⁰.

No caso das línguas e das identidades, conforme procuramos apresentar neste trabalho, a rede de relações entretecida por ambos os temas tem especial impacto, o que dá testemunho, uma vez mais, das intrincadas variáveis com que hoje nos defrontamos, bem como das tensões e das incertezas que as envolvem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. *Modernidade e ambivalência*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CALVET, Louis-Jean. *Mondialisation, langues et politiques linguistiques*. Disponível em: <<http://gerflint.fr/Base/Chili1/Calvet.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

¹⁹ A obra de Bauman sobre a qual nos amparamos, aliás, ilustra exemplarmente o quão “caleidoscópico”, digamos, é o alcance dos problemas colocados pela época “líquido-moderna”. Cf. BAUMAN: 2005.

²⁰ Ver, a este respeito, o Portólio Europeu das Línguas (PEL), conjunto de diretrizes didáticas elaborado pelo Conselho Europeu e divulgado em 2001. Este parâmetro didático preconiza a promoção do multilinguismo, a visão não-monolíngue da escola, da sociedade e dos cidadãos. Disponível em: <http://www.coe.int/t/dg4/education/elp/elp-reg/Source/Publications/Developers_guide_FR.pdf> Acesso em: 5 jan. 2015.

CALVET, Louis-Jean & CALVET, Alain. *Les confettis de Babel: diversité linguistique et politique des langues*. Paris: Éditions Écriture/OIF, 2013.

GLISSANT, Édouard. *L'imaginaire des langues*. Entretiens avec Lise Gauvain (1991-2009). Paris: Gallimard, NRF, 2010, p. 7-34.

_____. *Poétique de la relation* (Poétique III). Paris: Gallimard, 1990.

_____. *Traité du Tout-Monde* (Poétique IV). Paris: Gallimard, 1997.

_____. *Une nouvelle région du monde* (Esthétique I). Paris: Gallimard, 2006.

JAVEAU, Claude. *Georg Simmel: un aperçu*. *Les Cahiers du GRIF*, 1989, vol 40, n° 1, 41-47. Disponível em : < http://www.persee.fr/doc/grif_0770-6081_1989_num_40_1_1784>. Acesso em: 21 dez. 2015.